

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS PLANTAS MEDICINAIS DO PARQUE ESTADUAL ZÉ BOLO FLÔ EM CUIABÁ-MT: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

THE ENVIRONMENTAL EDUCATION AND THE MEDICINAL PLANTS OF ZÉ BOLO FLÔ STATE PARK IN CUIABÁ, MT: A PEDAGOGICAL PROPOSAL

Giseli Dalla Nora¹

Roselaine Ten Cater Piper²

Resumo: Este trabalho trata da importância dos parques naturais na vida dos cidadãos, da sua conservação, da sua relação com a educação ambiental e das plantas medicinais encontradas no Parque Zé Bolo Flô. Devido à sua biodiversidade, proporcionada pela preservação do cerrado, o parque tem grande valor para a qualidade de vida dos moradores da região do Coxipó. Como resultado deste trabalho, tem-se a perspectiva de utilização do parque como parte de atividades pedagógicas das escolas de seu entorno, práticas que devem relacioná-las com o uso das plantas medicinais, aproveitando o fato de o parque pertencer à área da saúde.

Palavras-chave: Parque Zé Bolo Flô. Educação ambiental. Plantas medicinais.

Abstract This work deals with the importance of natural parks in the lives of citizens, their conservation, their relationship with environmental education and medicinal plants found in Parque Zé Bolo Flô. Due to its biodiversity, provided by the preservation of the cerrado, the park has great value for the quality of life of the inhabitants of the Coxipó region. As a result of this work, there is the prospect of using the park as part of the educational activities of the surrounding schools, practices that must relate them to the use of medicinal plants, taking advantage of the fact that the park belongs to the health area.

Keywords: Zé Bolo Flô Park. Environmental education. Medicinal plants.

1 PELO ANDAR NAS TRILHAS

O homem é um ser social que cria, constrói e reordena os espaços físicos de acordo com os seus interesses, interferindo no ambiente. Quando a vegetação é removida pela atividade humana, o equilíbrio da natureza é alterado, pois a vegetação que antes ocupava grandes espaços agora se apresenta fragmentada, reduzida em seu tamanho, o que diminui a diversidade tanto da fauna como da flora.

¹ Professora adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutora em Educação pela UFMT. E-mail: giseli.nora@gmail.com.

² Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora da Educação Básica da Rede Pública do estado de Mato Grosso. E-mail: piperprofessora@gmail.com

Após o início da Revolução Industrial, nossa população migrou do campo para a cidade. Sem planejamento, nossas cidades cresceram desordenadamente; o ambiente sofre alterações: a vegetação foi reduzida em seu tamanho, fragmentada e destruída, em um processo contínuo de ocupação.

Nesse sentido, as Unidades de Conservação cumprem importantes funções ecológicas, sociais e políticas no país³ visando à proteção e à preservação de ecossistemas em seus estados naturais. Não é menos importante a conscientização do povo sobre o valor dessas áreas, dos benefícios sociais e ambientais e da qualidade de vida que esses espaços proporcionam.

Dessa forma, os parques urbanos objetivam propiciar a recreação e o lazer, mas também garantir a proteção dos recursos naturais no contexto urbano, proporcionando ao público: educação ambiental e pesquisa. Essas áreas também influenciam no clima, baixando a média da temperatura e elevando a umidade do ar, principalmente no período da seca e de maior calor.

A Educação Ambiental não deve ser apenas uma preocupação dos ecologistas. Informam-nos os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) que “a educação é o elemento indispensável para a transformação da consciência ambiental”⁴, a escola deve relacionar a educação com a vida do aluno, seu meio e sua comunidade.

Nossos ancestrais mantinham uma relação íntima com a natureza,⁵ viviam em contato permanente com o ambiente que os cercava, que teve início com a observação, a percepção e a intuição, tornando real a descoberta das propriedades benéficas e maléficas das plantas, fato que ampliou no conhecimento e na capacidade de adaptação e sobrevivência da humanidade. De La Cruz⁶ diz que 45% dos itens farmacêuticos comercializados em países industrializados provêm de produtos naturais.

Portanto, esta pesquisa tem o objetivo de fazer uma espacialização e um estudo do Parque Estadual Zé Bolo Flô, com levantamento das plantas medicinais que habitam em seu

³ SCHWENK, Lunalva Moura. Domínios biogeográficos. IN: MORENO, Gislaene; HIGA, Teresa. *Geografia de Mato Grosso*. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.

⁴ BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Meio Ambiente*. Brasília: MEC, 1997, p. 180-181. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2014.

⁵ DE LA CRUZ, MG. *Plantas medicinais de Mato Grosso: a farmacopeia popular dos raizeiros*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008.

⁶ Ibidem.

perímetro. Como objetivo específico, o interesse em realizar este estudo consiste no propósito de perceber a funcionalidade de um parque e de como a sociedade, aliada com a Educação Ambiental, pode promover a sua sustentabilidade e seu uso como espaço pedagógico.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia empregada neste trabalho pauta-se em uma pesquisa qualitativa que visa identificar as plantas medicinais no parque da Saúde Zé Bolo Flô. A pesquisa foi realizada no período de março a julho de 2014. Foram entrevistadas informalmente nove pessoas. Utilizou-se o conceito da percepção de Tuan,⁷ que defende a tese de que o ser humano usa os cinco sentidos para progredir no mundo; ele defende que a visão humana evoluiu em um ambiente arbóreo: “ele é predominantemente um animal visual”. A pesquisa consistiu-se de um levantamento das plantas medicinais encontradas no parque.

Por intuição, o ser humano procura cultivar em seu entorno plantas que forneçam alimento, remédio e embelezem o ambiente. Com a ocupação de espaços para construção civil, a partir da noção de construir o máximo possível no menor dos espaços, com o acelerado ritmo da vida e com o capitalismo desenfreado, as pessoas não encontram tempo para dedicar-se a pequenos afazeres das plantas medicinais.

Os laboratórios com análises de certas plantas originaram tratamentos de cunho alopático; porém, muitas vezes misturadas com outros elementos químicos, essas plantas podem ser prejudiciais à saúde e economicamente inacessíveis à população. É fato que muitas plantas medicinais possuem poder curativo, mas não se pode perder o conhecimento dos nossos antepassados. Na Bíblia, o livro de Eclesiástico (38, 4) diz: “da terra, o Senhor criou os remédios, e o homem de bom senso não os despreza”.

Neste trabalho tenta-se dar ênfase à Educação Ambiental, que pode e deve ser praticada nos parques da cidade, que apresentam grande potencial para serem aproveitados pelas escolas. O Parque Zé Bolo Flô é cercado de inúmeras escolas, que podem utilizar do mesmo para

⁷ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. Disponível em: <http://governo-mt.jusbrasil.com.br>. Acesso em: 02 mar. 2014.

destacar a importância da conservação da biodiversidade, da flora, da fauna e – por que não? – o conhecimento das plantas medicinais e de seus poderes curativos. A Educação Ambiental foi concebida, inicialmente, como preocupação dos movimentos ecológicos,⁸ mas creio que poderá tornar-se uma proposta educativa se envolver diretamente os alunos. Para Dias,⁹ a Educação Ambiental é um desafio que requer novas ferramentas teóricas e práticas, bem como o resgate de valores e a criação de novos, sintonizados com uma ética global.

Para elaboração deste estudo fez-se uso da pesquisa qualitativa, cujo objetivo foi a caracterização inicial do problema, sua classificação e sua definição, que constitui o primeiro estágio de todo o trabalho. Sobre a metodologia da pesquisa qualitativa, Minayo¹⁰ diz:

A metodologia qualitativa é abordada procurando enfocar, principalmente, o social como um mundo de significados passíveis de investigação e a linguagem comum ou a fala como a matéria-prima desta abordagem, a ser contratada com a prática dos sujeitos sociais.

A partir da observação dos fatos tal como ocorreram constituiu a pesquisa qualitativa, a qual não permitiu isolar e controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas. Como defende Gamboa,¹¹ o debate levou-nos ao aprofundamento dos pressupostos das diversas epistemologias que se localizam nas teorias do conhecimento e nos referenciais filosóficos que fundamentam as diversas formas de produção científica.

As técnicas utilizadas foram: o levantamento e localização das plantas medicinais no Parque Zé Bolo Flô e uma conversa informal com os frequentadores do parque, a fim de saber do seu funcionamento, das suas falhas, as maneiras como utilizam-no, do conhecimento sobre a vida do patrono e sobre as plantas medicinais. Em um segundo momento, foi feita a pesquisa bibliográfica, para obtermos as bases teóricas e conceituais do estudo proposto.

⁸ CARVALHO, I. C. de M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2011.

⁹ DIAS, G. F. *Educação e gestão ambiental*. São Paulo: Gaia, 2006.

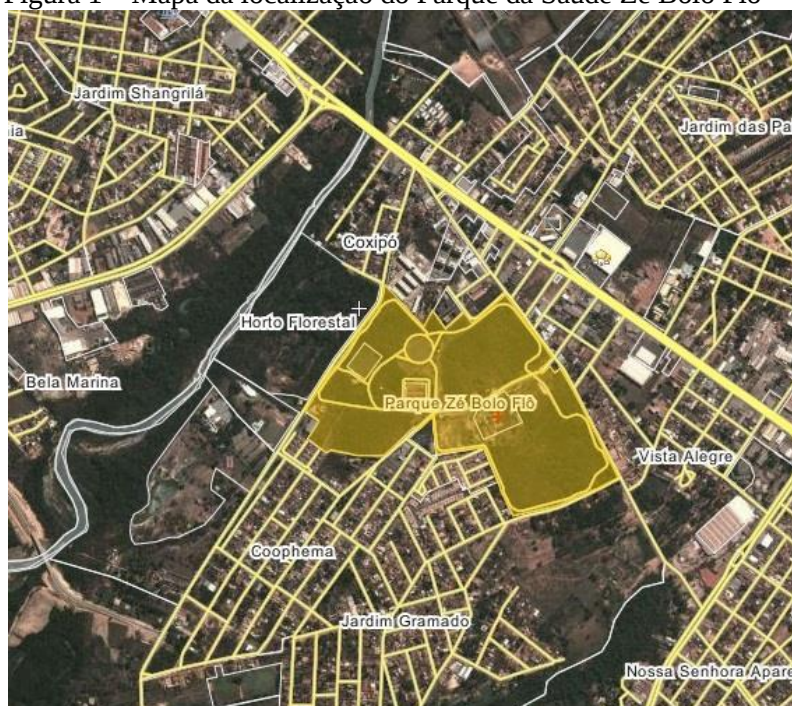
¹⁰ MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

¹¹ GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. *Revista Contrapontos*, v. 3, n. 3, p. 393-405, 2003.

2.1 Área de estudo

A área de estudo foi o Parque Estadual Zé Bolo Flô, localizado na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, na região do Coxipó da Ponte, bairro CoopHEMA, com acesso pela Avenida Fernando Correa da Costa (Figura 1). O local está aberto para visitação diariamente, das 06h às 18h. Sua criação foi no ano de 2000, durante o governo de Dante Martins de Oliveira, que concedeu ao parque o nome de Parque da Saúde.

Figura 1 – Mapa da localização do Parque da Saúde Zé Bolo Flô



Fonte: Wikimapia, 2014.

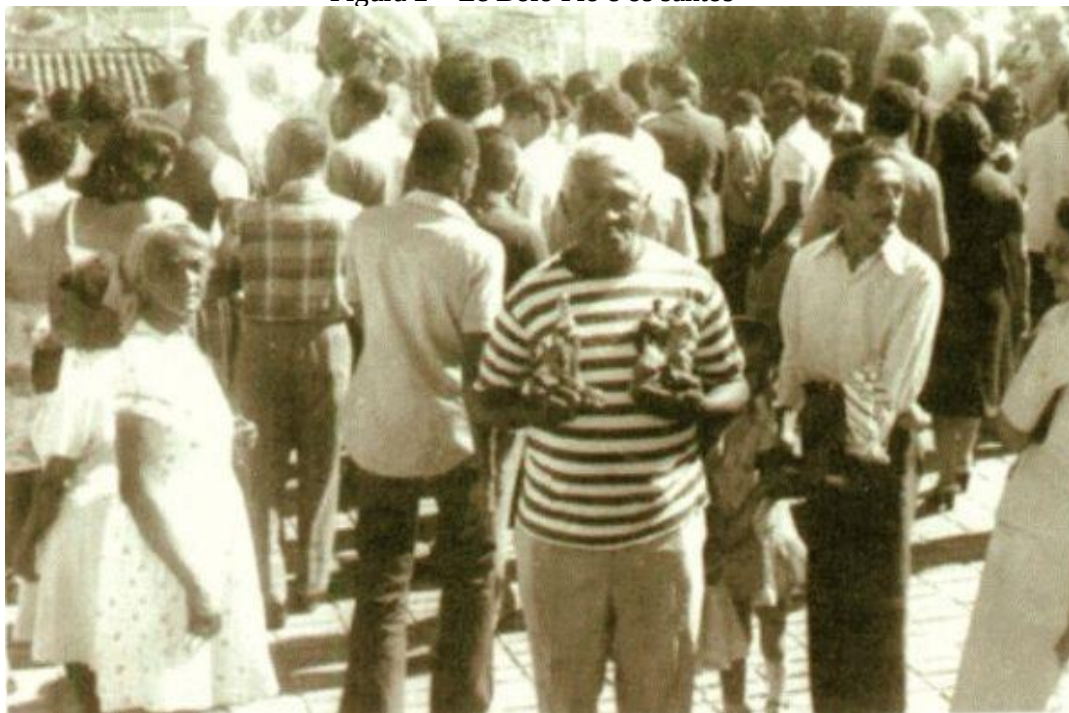
O Decreto nº. 4.138, de 05 de abril de 2002, dispõe sobre a designação do Parque da Saúde do Estado de Mato Grosso, que denomina José Inácio da Silva, popularmente conhecido como *Zé Bolo Flô*, o patrono do parque. O Decreto nº. 724, de 26 de setembro de 2011, dispõe sobre a recategorização do Parque Zé Bolo Flô do Estado de Mato Grosso como Parque Estadual

a unidade de conservação denominada *Zé Bolo Flô* e a Portaria nº. 480 dispõe sobre a aprovação do Plano de Manejo do Parque Estadual *Zé Bolo Flô*.¹²

O Parque recebeu o nome de *Zé Bolo Flô* em homenagem a uma figura do folclore cuiabano, *Zé Bolo Flô* (Figura 2), que viveu em Cuiabá nos anos 1960 e 1970. Pobre e negro, foi compositor, poeta e músico. Na sociedade cuiabana, participava de festejos religiosos e carnavais realizados nas ruas e nas praças da antiga Cuiabá. Segundo Fuá:

De família pobre, morador do Baú, moreno de cabelos crespos, estatura mediana, tinha o jeitão simples e alegre do povo humilde de Cuiabá, sem estudo, mas de uma veia poética que produzia prosas e poesias, e que muitas vezes já nascia com musicalidade, letras que ficaram perdidas no tempo, sem registro. Seu pen-drive era um saco de estopa que usava para guardar seus escritos, poesias simples, mas que retratava as pessoas e os momentos vividos da nossa velha Cuiabá.¹³

Figura 2 – *Zé Bolo Flô* e os santos



Fonte: Olhar Direto (www.olhardireto.com.br/).

¹² BRASIL. *Lei n 12.651, de 25 de maio de 2012*. Novo Código Florestal. Brasília, Diário Oficial da União. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12651.htm, 2012.

¹³ FUÁ, W. C. *Jornal Oeste*. On-Line, n. 52, 2014. Disponível em: www.jornaloeste.com.br. Acesso em: 03 mar. 2014.

Acompanhava as festas religiosas de São Benedito, seguia a bandeira e a coroa do Senhor Divino, de casa em casa. Saía no meio da bandinha, que tocava tanto os cantos religiosos como os rasqueados.

Sua vida e sua história viraram folclore. Sobre sua vida só existem relatos de que perambulava pelas ruas de Cuiabá, vestia uma calça amarrada com cordões, com um velho paletó. Carregava um saco, onde guardava roupas e suas poesias. É considerado autor de várias histórias populares e dezenas de músicas. Um dos seus versos mais conhecidos é:

Os homens só saberão das suas grandiosidades, quando passar a entender as pessoas como iguais e cumpridoras das suas missões, e enquanto estiver vivo, é porque ainda tem muito que apreender. A vida quando é levada com sentido e objetivo nunca será transformada em vazios. Quero que a minha vida me apresente os caminhos e eu decidirei qual deles devo seguir, qual o caminho mais correto e onde estarei aprendendo mais. A vida em si é uma lição.¹⁴

Foi conhecido como Zé andarilho, Zé meio louco, Zé poeta, Zé do saco, mas imortalizou-se como Zé Bolo Flô. Nos anos 1970, ao fim da vida, ficou louco e foi internado no Hospital Adauto Botelho, vindo a falecer abandonado como indigente. Na Figura 2 temos a única imagem de Zé Bolo Flô, com o santo em suas mãos, acompanhando a procissão.

O Parque Zé Bolo Flô possui 66 hectares de cerrado e é administrado pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA). O Parque possui uma praça cívica, com duas pistas para caminhadas, muitas trilhas e atalhos utilizados pela população. O local ainda se destina à difusão da Educação Ambiental, onde se pratica a conservação da biodiversidade diante de uma ampla diversidade de flora e fauna regional. Cortado pela avenida principal de acesso ao bairro Coophema (Figura 3) e dentro dos seus limites estão instalados a Escola de Saúde Pública Doutor Agrícola Paes de Barros, o Centro de apoio Psicossocial Infantil e o Hospital Adauto Botelho (CAPSI).

¹⁴ ZÉ BOLO FLÔ.

Figura 3 – Entrada do Parque Zé Bolo Flô: Acesso CoopHEMA



Fonte: ARRUDA, 2014.

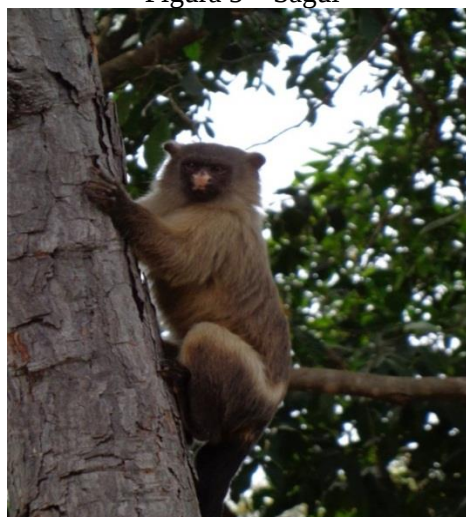
O parque conta com um espaço propício para a visitação popular, para o lazer e para o esporte, possuindo praças de ginástica, campo de futebol, mata nativa, áreas alagadas, caminho para pedestres, ciclovia e localizando-se ao lado do Horto Florestal. A vegetação do parque é formada por mata ciliar e cerrado, servindo de abrigo a diversas espécies da fauna silvestre conforme Figuras 4 e 5.

Figura 4 – Paca



Fonte: PIPER, 2014.

Figura 5 – Sagui



Fonte: PIPER, 2014.

3 BASES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Tuan¹⁵ aponta-nos que são variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam a superfície da Terra. É natural ao ser humano ver, em primeiro lugar, aquilo que lhe agrada aos olhos, ou aquilo donde, de alguma maneira, pode tirar proveito e satisfação. Desde os primórdios, temos a necessidade de criar jardins, para o prazer dos olhos e para enriquecer a paisagem. A Bíblia relata a existência do jardim do Éden: “Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que havia modelado. Deus fez brotar do solo todas as espécies de árvores formosas de ver e boas de comer”¹⁶. Formosas de se ver, o belo está sempre em evidência.

Da Antiguidade, temos o relato dos Jardins Suspensos da Babilônia às margens do rio Eufrates, construído pelo rei Nabucodonosor, com árvores e ervas aromáticas plantadas em um canteiro de terra acima de uma coluna. Esse jardim foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo, mas pouco se sabe a respeito de como realmente era esse lugar; há especulação sobre suas possíveis formas e dimensões.¹⁷

Na Idade Média, além dos parques e jardins serem vistos como uma forma de arte, seu papel era utilitário; isto é, serviam para as áreas estética e farmacêutica, além de permitirem o cultivo de pomares e a horticultura, fazendo a junção de plantas ornamentais, gastronômicas e medicinais. Além disso, tinham uma função olfativa, camuflando os odores. Nessa época foram criados os Jardins Botânicos, uma grande variedade de espécies vegetais de diferentes regiões.¹⁸

No século XIX surgiram os grandes parques urbanos abertos ao público, frutos da necessidade de lazer, de educação e de hábitos higienistas que se faziam sentir nos grandes

¹⁵ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. Disponível em: <http://governo-mt.jusbrasil.com.br>. Acesso em: 02 mar. 2014.

¹⁶ Gênesis 2, 8-9.

¹⁷ NUNES, C. Artigo nº 6. *Revista on-line: Convergências*, 2009. Disponível em: <http://convergencias.esart.ipcb.pt/artigo/82>. Acesso em: 16 jul. 2014.

¹⁸ FERREIRA, Z. de M. *Áreas verdes urbanas de Cuiabá, MT: uma análise da distribuição espacial e das principais funções*. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

centros industriais urbanos, momento em que desempenharam um importante papel terapêutico, por promoverem o bem-estar do indivíduo.¹⁹

No decorrer do século XX, novas atribuições foram incutidas às funções dos parques: parques ecológicos e parques temáticos. Os parques ecológicos objetivam a conservação, possuindo áreas voltadas para atividades de lazer, recreação infantil, trilhas, pistas de caminhada etc. Os parques temáticos geralmente pertencem à iniciativa privada, são uma forma de lazer popular, com uma cenarização extrema, representando lugares reais ou imaginários, com atividades de lazer eletrônico, brinquedos que simulam passeios no tempo etc.²⁰

No Brasil, a ideia de parques e áreas verdes só tomou forma com a vinda da família Real Portuguesa em 1808, quando houve uma reestruturação, reorganização e modernização das velhas e pequenas cidades. Com a proclamação da Independência, em 1822, o Rio de Janeiro tornou-se Capital e passou por grandes transformações urbanas, para desempenhar suas novas funções administrativas. Junto das corporações administrativas, foram criados três parques públicos: o Campo de Santana, o Passeio Público e o Jardim Botânico.²¹ Hoje ganham força com a Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

3.1 Unidades de conservação (UCs)

No Brasil, os Parques foram criados por legislações do Estado e dos Municípios e integram o Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC), regido pela Lei nº 9.985, de 2000. Um parque nacional é uma área de conservação que tem como princípio a preservação de ecossistemas naturais, pela importância ecológica, como também pela sua beleza. Esses locais apresentam possibilidade de fazer pesquisas científicas, atividades de Educação Ambiental, recreação, turismo etc. Geralmente, esses espaços são de propriedade do Estado ou de Autarquias. A Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, instituiu o Sistema Nacional de Unidades

¹⁹ NUNES, C. Artigo nº 6. *Revista on-line: Convergências*, 2009. Disponível em: <http://convergencias.esart.ipcb.pt/artigo/82>. Acesso em: 16 jul. 2014.

²⁰ BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. *Sistema Nacional de Unidades de Conservação*. Brasília: MMA; SNUC, 2000. Disponível em: www.mma.gov.br/port/sbf/dap/doc/snuc.pdf. Acesso em: fev. 2019.

²¹ BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. *Sistema Nacional de Unidades de Conservação*. Brasília: MMA; SNUC, 2000. Disponível em: www.mma.gov.br/port/sbf/dap/doc/snuc.pdf. Acesso em: fev. 2019.

de Conservação da Natureza, estabelecendo critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.²²

Os Parques Nacionais e as outras Unidades de Conservação Federais são gerenciados pelo ICMBio, que é o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Trata-se de uma autarquia criada em 28 de agosto de 2007, pela Lei nº 11.516. O Instituto é vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA). O Instituto almeja executar ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação e propor, implantar, gerir, proteger, fiscalizar e monitorar as UCs. Ainda pode executar programas de pesquisa, proteção, preservação e conservação da biodiversidade e exercer o poder de polícia ambiental na proteção das UCs Federais.²³

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) é o conjunto de unidades de conservação (UC) federais, estaduais e municipais. É composto por 12 categorias de UC, cujos objetivos específicos diferenciam-se quanto à forma de proteção e aos usos permitidos: aquelas que precisam de maiores cuidados, pela sua fragilidade e particularidades e as que podem ser utilizadas de forma sustentável e conservadas ao mesmo tempo.²⁴

Além disso, a visão estratégica que o SNUC ofereceu aos tomadores de decisão possibilitou que as UCs, além da conservação dos ecossistemas e da biodiversidade, geração de renda, emprego e desenvolvimento, propiciando uma efetiva melhora na qualidade de vida das populações locais e do Brasil como um todo.²⁵

Em Mato Grosso, as Unidades de Conservação são geridas pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA). Com a criação dessa Secretaria, foi extinta a Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEMA). A nova estrutura, agora Secretaria, permitiu que temas como a

²² VILANOVA, S. R. F.; MAITELI G. T. M. A importância da conservação de áreas verdes remanescentes no Centro Político Administrativo de Cuiabá-MT. *Revista UNI Ciências*, v. 13, 2009. Disponível em: <http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/uniciencias/article/view/932>. Acesso em: 03 ago. 2018.

²³ KORBES, Lenita Maria. A relação dos educadores com a educação libertadora. *Eventos Pedagógicos*, v. 3, n. 2, p. 111-119, 2012.

²⁴ VILANOVA, S. R. F.; MAITELI G. T. M. A importância da conservação de áreas verdes remanescentes no Centro Político Administrativo de Cuiabá-MT. *Revista UNI Ciências*, v. 13, 2009. Disponível em: <http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/uniciencias/article/view/932>. Acesso em: 03 ago. 2018.

²⁵ Ibidem.

Biodiversidade ganhassem maior destaque, alcançando *status* de Superintendência, subdivididos em coordenadorias e gerências.

Foram visíveis as melhorias ocorridas, mas percebe-se que os parques ainda são esquecidos pela Administração Pública, principalmente os menos conhecidos e frequentados. Percebe-se que as Unidades de Conservação necessitam de um maior número de apoiadores e de instrumentos de planejamento e manejo para que, assim, a visitação do homem cause o menor dos impactos no ambiente, mantendo-os intactos para as gerações futuras.

3.2 Parques urbanos

Pode-se dizer que os parques urbanos tiveram seu início no século XIX, pela necessidade de atender uma demanda social em espaços de lazer e também para contrapor-se ao ambiente urbano; isto é, o cimento e o concreto da cidade, pelo o ar puro e saudável da natureza.²⁶ O parque pode ser um espaço público destinado a conservar uma vegetação de pequeno, médio ou grande porte. A crescente urbanização, que levou a maioria da população a morar em cidades, sensibilizou o interesse político, gerando a implementação desse tipo de espaços, que se tornaram responsabilidade tanto dos municípios como dos governos estaduais.

Sua evolução deu-se também com as mudanças urbanísticas das cidades. O papel do parque fundamenta-se em um espaço público, livre para o lazer da massa urbana. Com o crescimento das cidades, cada vez mais se necessita de novos parques para atender solicitações esportivas, culturais e de lazer.²⁷

3.3 Uso dos parques

Durante o século XIX, as cidades brasileiras expandiram-se de modo não contínuo, dotadas de “vazios” urbanos, de áreas não construídas. Esses vazios e as áreas das várzeas dos rios eram as áreas de lazer da população menos abastada. A partir do século XX, com a ocupação

²⁶ BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. *Sistema Nacional de Unidades de Conservação*. Brasília: MMA; SNUC, 2000. Disponível em: www.mma.gov.br/port/sbf/dap/doc/snuc.pdf. Acesso em: fev. 2019.

²⁷ Ibidem.

desses locais pela especulação imobiliária, essas áreas de lazer das massas menos privilegiadas foram ocupadas, os equipamentos urbanos tornaram-se uma necessidade social.²⁸

A presença de áreas verdes nas cidades são de extrema importância, pois elas agem diretamente na conservação de aspectos naturais, essenciais ao bem-estar da população, além de contribuir para a amenização das tensões causadas pela vida das cidades.²⁹ Mas é necessário que haja um planejamento quanto à organização e distribuição desses locais, para que não se tornem apenas uma coleção de espaços abertos ao ar livre.

Vilanova³⁰ disserta sobre a influência das áreas verdes para o conforto térmico na cidade de Cuiabá e sobre a importância da cobertura vegetal. Em sua pesquisa faz uma relação entre a urbanização intensa e o aumento da temperatura média anual.

3.4 Plantas medicinais

Na história da humanidade, as plantas medicinais sempre tiveram um papel fundamental. Os grandes médicos da Grécia, Hipócrates e Galeno, que viveram séculos a.C., definiram sua concepção na arte de curar. Eles hoje fundamentam as escolas de medicina. Hipócrates, chamado Pai da Medicina, estabeleceu os fundamentos da Medicina Natural, enquanto Galeno concebeu alguns princípios que fundamentaram a Medicina Convencional.³¹

Etnobotânica é uma ciência que estuda a Botânica e a Etnologia; isto é, a interação entre plantas e a sociedade humana. Consiste no estudo das aplicações e dos usos tradicionais das plantas pelo homem. Sobre o homem conhecer o seu redor, Barbieri³² diz-nos o seguinte:

As plantas medicinais sempre exerceram um verdadeiro fascínio ao longo de toda a história da humanidade em muitas pessoas sensíveis à influência da natureza sobre a vida do ser humano. Enquanto pouco se conhecia deste poder ou só se percebia pelos efeitos observáveis, tudo ficava envolto em mitos e magias. [...]

²⁸ Ibidem.

²⁹ Ibidem.

³⁰ MINC, C. A consciência ecológica no Brasil. *Cadernos CEDES*, Campinas, n. 29, p. 7-10, 1993.

³¹ BARBIERI, M. P. *Levantamento das plantas medicinais do Bairro Alvorada, Cuiabá/MT no projeto de educação popular e saúde no período de 2005 a 2007*. Lavras: UFLN, 2009.

³² Ibidem, p. 23.

Felizmente hoje já se sabe muito sobre o porquê do poder das plantas. A natureza é sábia e se auto-constitui de forma a cultivar sempre a vida, preservando-a e restaurando-a sempre que necessário.

A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos foi aprovada pelo Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006, que estabelece diretrizes e linhas para o desenvolvimento de ações voltadas à garantia do acesso seguro e do uso racional de plantas medicinais e fitoterápicas em nosso país.³³ Esse decreto foi muito importante para os populares que detêm o conhecimento, os saberes que, a partir da observação e da transmissão de geração em geração, acumulando informações acerca das potencialidades das plantas medicinais.

A manipulação de plantas para a extração de seus princípios ativos constitui uma verdadeira arte farmacêutica. Além de técnicas específicas, é necessário atentar para algumas noções básicas, como identificação da planta certa, coleta em momento e local apropriados e uso sob a devida orientação.³⁴ Ming³⁵ diz que devemos, além de anotar os usos terapêuticos, a parte da planta utilizada e as condições dos ambientes, entender um pouco mais das ricas informações dos populares, acumuladas ano após ano, frutos de observações, do convívio respeitoso, das relações harmônicas que eles têm com as plantas de seu meio ambiente e do rico intercâmbio com outros povos.

Körbes,³⁶ em seu livro sobre os benefícios das plantas medicinais, diz que os chás fornecem substâncias terapêuticas, hidratam, estimulam, desintoxicam, controlam a temperatura e auxiliam na digestão. O autor relata as três formas básicas de extrair das plantas os princípios ativos:

- Decocção (a planta ferve na água): devemos pegar a parte da planta indicada, adicionar água fria e levar ao fogo, ferver por 5 a 10 minutos, coar e beber quente, morno ou frio, conforme a receita;
- Infusão (derrama-se água fervente sobre a planta): pegar a parte da planta indicada, colocar em um recipiente, derramar água fervente sobre ela.

³³ SCHNEIDER, Fatima Inês (Org.); et. al. *Plantas Medicinais e Condimentares*, Resgate do conhecimento Popular. Diamante D'Oeste: Edição dos autores, 2010.

³⁴ KÖRBES, V. C. *Plantas medicinais*. Francisco Beltrão: Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural, 1995

³⁵ MINC, C. A consciência ecológica no Brasil. *Cadernos CEDES*, Campinas, n. 29, p. 7-10, 1993.

³⁶ Op. cit.

Tampar para abafar, deixar em repouso por 10 minutos, coar e tomar ainda quente ou morno, conforme a receita;

- Maceração (deixa a planta de molho ou macetada): há duas formas de fazer: a primeira forma é amassá-la com um pilão e acrescentar água, em seguida beber; a segunda forma é mergulhar a planta em algum líquido que pode ser água (fervida ou filtrada), vinho, vinagre ou álcool de cereais, tampar bem o recipiente e deixar por horas, dias ao até mesmo semanas, conforme a receita. Coar e tomar. Assim são feitas as garrafadas, vinhos e óleos medicinais.

3.5 Plantas medicinais do Parque Estadual Zé Bolo Flô

Esta pesquisa resulta em uma coletânea de informações populares acerca das plantas medicinais do Parque Zé Bolo Flô, procurando juntar as valiosas e inúmeras informações que as pessoas possuem, mas que não são divulgadas nem valorizadas.

A pesquisa contou com o apoio de Benedito da Conceição Silva, profundo conhecedor das plantas do cerrado, que aprendeu o uso das plantas medicinais com sua mãe, descendente de índio. Ele já foi convidado inúmeras vezes por entidades, inclusive pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), para sair a campo, identificando plantas e seus usos terapêuticos. Depois de feita a coleta de dados das plantas no Parque Zé Bolo Flô, onde foi tirada a foto de cada planta.

Fizeram-se inúmeras observações, como por exemplo, algumas árvores mais conhecidas pelo seu teor medicinal, como o Ipê e o Jatobá (Figuras 6 e 7) tiveram seus troncos cortados (raspados) para serem usados pela medicina caseira. A erva de passarinho, que é uma planta parasita, pode matar uma árvore adulta em poucos anos. Foi interessante observar que as plantas que tiveram a maior ocorrência no Parque foram o Chico magro, cipó escada, Embaúba e Piriquiteira (Figuras 8 e 9).

Figura 6 – Ipê Roxo



Fonte: PIPER, 2014.

Figura 7 – Jatobá



Fonte: PIPER, 2014.

Figura 8 – Chico Magro



Fonte: PIPER, 2014.

Figura 9 – Cipó Escada



Fonte: PIPER, 2014.

Entre as plantas identificadas, o Dorme-dorme (Figura 11) está entre as medicinais, mas estava no gramado e sujeita a ser cortada juntamente com a grama. O Assa-peixe (Figura 10), conhecido como mata-campo, nasce na beira das matas e no Parque também está sujeito a cortes quando das limpezas do local.

Figura 10 – Assa-peixe



Fonte: PIPER, 2014.

Figura 11 – Dorme-dorme



Fonte: PIPER, 2014.

4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental surge em um contexto que deriva do uso inadequado dos bens coletivos do planeta. Segundo Dias,³⁷ ela só pode ser efetiva se todos os membros da sociedade participarem das múltiplas tarefas de melhoria das relações das pessoas com o seu ambiente, e se conscientizarem da importância do seu envolvimento e das suas responsabilidades. Ainda em seu livro, Educação e Gestão Ambiental, o autor descreve:

A educação ambiental tem como finalidade promover a compreensão da existência e da importância da interdependência econômica, política, social e ecológica da sociedade; proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir conhecimentos, o sentido dos valores, o interesse ativo e as atitudes necessárias para proteger e melhorar a qualidade ambiental; induzir novas formas de conduta nos indivíduos, nos grupos sociais e na sociedade em seu conjunto, tornando-a apta a agir em busca de alternativas de soluções para os seus problemas ambientais, como forma de elevação da sua qualidade de vida.³⁸

³⁷ DIAS, G. F. *Educação e gestão ambiental*. São Paulo: Gaia, 2006.

³⁸ Ibidem.

A forma como percebemos o ambiente ou como o tratamos mostra como é a cultura de um lugar, ou a forma como esse local é percebido. Sobre essa percepção, Tuan,³⁹ em seu livro *Topofilia*, informa-nos: duas pessoas não veem a mesma realidade, nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do ambiente. Sobre essa percepção,

O ser humano tem outras maneiras para responder ao mundo além dos cinco sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato, por nós conhecidos desde os tempos de Aristóteles. Por exemplo, algumas pessoas são extremamente sensíveis às mudanças sutis na umidade e na pressão atmosférica; outras parecem ser dotadas de um extraordinário sentido de direção, embora se tenha questionado o caráter inato desta faculdade. Dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir o mundo.⁴⁰

Criamos nossa versão ou visão da paisagem ou da nossa realidade. Carvalho,⁴¹ em seu livro, fala que de certa forma somos reféns das nossas visões ou conceitos:

Nossas ideias ou conceitos organizam o mundo, tornando-o inteligível e familiar. São como lentes que nos fazem ver isso e não aquilo e nos guiam em meio à enorme complexidade e imprevisibilidade da vida. Acontece que, quando usamos óculos por muito tempo, a lente acaba fazendo parte de nossa visão a ponto esquecermos que ela continua lá, entre nós e o que vemos, entre os olhos e a paisagem. Nossos conceitos são assim, como lentes entre nossa visão da realidade.

A Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Essa Lei rege que educação ambiental são os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do

³⁹ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. Disponível em: <http://governo-mt.jusbrasil.com.br>. Acesso em: 02 mar. 2014.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ CARVALHO, I. C. de M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2011.

meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e à sustentabilidade.⁴²

A mesma Lei descreve também que a Educação Ambiental é um componente essencial e *permanente* da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental.⁴³

5 REFLEXÕES

Em conversa com os frequentadores do parque, foi possível perceber reclamações acerca, principalmente, da segurança, devido à falta de iluminação que gera medo na população. O parque fecha às 18h e muitos usuários ainda estão terminando a atividade física, ocupando o trecho da pista de caminhada, que é muito escuro, tornando-se propício para a prática de pequenos roubos e até tentativa de estupro.

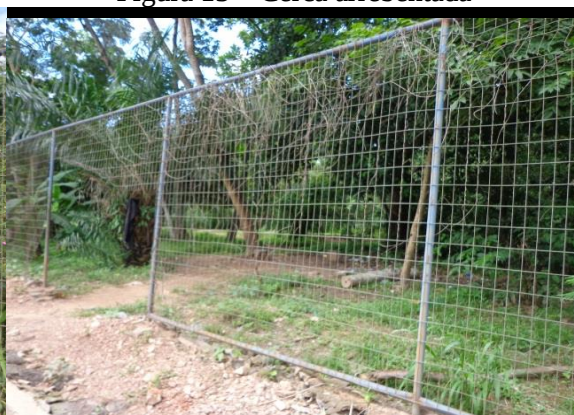
A entrada principal e adjacente não tem portão. Qualquer pessoa, ao anoitecer, pode entrar, inclusive usuários de drogas que aproveitam o local para fazer uso de entorpecentes. Também foi aberto um buraco na cerca do parque (Figuras 12 e 13) para usufruir do local, gerando insegurança para as pessoas que passam por ali.

Figura 12 – Cerca caída



Fonte: ARRUDA, 2018.

Figura 13 – Cerca arrebitada



Fonte: ARRUDA, 2018.

⁴² BRASIL. *Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999*. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF, 27 de abril de 1999. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 02 mar. 2014.

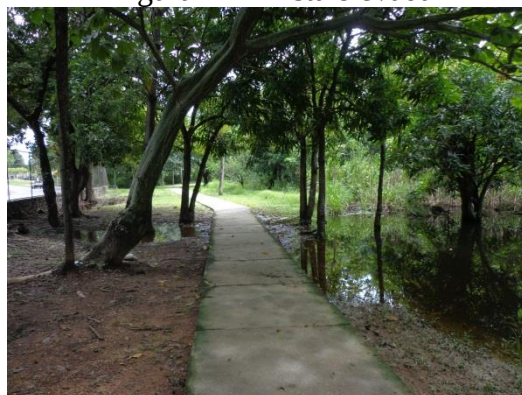
⁴³ Ibidem.

Alguns frequentadores do parque gostariam de usá-lo depois do horário de expediente, pois trabalham até mais tarde. Sugeriram que apenas a praça central, que fica próxima à entrada principal, fosse iluminada à noite; porém, como carece de iluminação artificial não apresenta mínimas condições de uso.

Outro ponto observado foi a falta de iluminação no estacionamento, onde já houve casos de pequenos roubos e furtos. A Polícia Militar realiza rondas no interior do parque e pontos demonstrativos, com paradas de 15 a 30 minutos com a Viatura da Base da SEMA, mas não consegue evitar os delitos. Ouvimos vários relatos de falta de sanitários; o único disponível é o da dependência da base da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA). No mesmo prédio, existe apenas um bebedouro e as pessoas não têm outra opção no perímetro do parque. Ainda que existam lixeiras no local, são poucas, sendo separadas umas das outras por uma grande distância, o que resulta em pessoas jogando o lixo no chão.

Nota-se que, em época de chuvas, a drenagem não funciona e a água fica parada, criando pequenas poças, sendo possível o surgimento de criadouros de mosquito da dengue, o que gera outra problemática de saúde à população. Ainda vale relatar que a pista de caminhada, em vários trechos, apresenta água empoçada, pois foi elevada sem a realização de manilhamento para escoar a água por debaixo da pista (Figuras 14 e 15).

Figura 14 – Pista elevada



Fonte: ARRUDA, 2018.

Figura 15 – Água empoçada



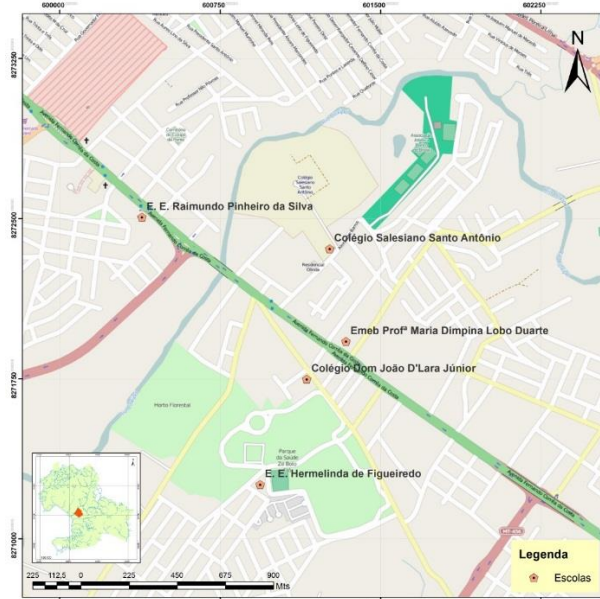
Fonte: ARRUDA, 2018.

Observa-se que seus usuários desejam a implantação de uma boa infraestrutura, com iluminação, banheiros, bebedouros, equipamentos de ginástica e também policiamento mais intenso.

Perguntados informalmente sobre o Patrono do Parque, Zé Bolo Flô. Poucos sabiam detalhes de sua vida, a grande maioria desconhecia sua história ou nunca havia ouvido falar do homenageado. Também perguntados sobre as plantas medicinais do parque, poucos demonstraram conhecimento, alguns conheciam alguma árvore e seus usos, mas a maioria apenas identificou as plantas frutíferas.

A geografia é o estudo do meio ambiente. Mas, no geral, o ensino ignora esse aspecto e a geografia parece cumprir mal a sua missão: “Só a observação do meio ambiente permite uma análise intelectualmente frutuosa”.⁴⁴ Então o método cartesiano deve, aos poucos, deixar de ser uma repetição de resultados e abrir as portas, sair das escolas para reconhecer a natureza e seus fenômenos *in loco*. O Parque Estadual Zé Bolo Flô tem em seu entorno várias escolas, tanto estaduais como particulares (Figura 16). Além das escolas visíveis no mapa, a região de toda Coxipó poderá se utilizar do parque em suas pesquisas e aulas de campo.

Figura 16 – Mapa das Escolas no entorno do Parque Zé Bolo Flô



Fonte: XAVIER, 2014.

⁴⁴ DEBESSE-ARVISET, M. L. *A escola e a agressão do meio ambiente: uma revolução pedagógica*. Tradução de Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: DIFEL, 1974.

A importância da percepção ambiental para a formação da cidadania passa pela percepção holística, como diz Tuan,⁴⁵ o sentimento afetivo que une o ser humano ao lugar. A Educação Ambiental deve visar a adaptação às novas realidades, tanto locais como globais.⁴⁶

Nossos centros urbanos podem ser vistos como exemplos do nosso destino ambiental global. Nosso sucesso na ultrapassagem dos desafios para proteger a diversidade biológica em áreas urbanas é uma boa medida do nosso comprometimento em relação à proteção dos ecossistemas em atividade do mundo inteiro. Se não conseguirmos agir como líderes responsáveis em nossa própria casa, as perspectivas a longo prazo para diversidade biológica no resto do planeta serão verdadeiramente sombrias.

O resgate da importância do conhecimento tradicional e do valor medicinal das plantas deve resultar em parcerias que, com visões diferentes, podem complementar o profundo conhecimento e respeito pelo ambiente. Parcerias essas que devem ter a participação da Educação Ambiental, das Escolas e do conhecimento popular, aliados ao espaço disponível, aos parques urbanos e às Unidades de Conservação (UCs).

O Parque Estadual Zé Bolo Flô, por ser um parque da saúde, poderá ser um ponto de apoio às pesquisas e ao resgate do conhecimento milenar das plantas medicinais, servindo como suporte ao ensino da Educação Ambiental nas escolas. Como comprovou esta pesquisa, existe em seu domínio uma farmacopeia, fonte rica de recursos disponíveis à exploração pedagógica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a maioria da população que frequenta o parque, o local serve apenas para o lazer, o que não propicia um envolvimento direto com ele. Isto é, não cria afetividade e, com isso, o cidadão não se sente responsável pelos cuidados com o local.

Faz-se uma proposta pedagógica para um melhor aproveitamento do Parque Zé Bolo Flô e dos demais parques. Para as Escolas do entorno e de toda região do Coxipó:

⁴⁵ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

⁴⁶ GUARIM, V. L. M. S.; VILANOVA, S. R. F. *Parques Urbanos de Cuiabá, Mato Grosso*. Cuiabá: Entrelinhas, EdUFMT, 2008, p. 05.

- ✓ Utilizar o parque para aulas de campo, no intuito de fazer a Educação Ambiental *in loco*.
- ✓ Utilizar as áreas para aulas de várias disciplinas, como biologia, geografia, história, arte, entre outras.
- ✓ Juntamente com a equipe da Secretaria de Meio Ambiente (SEMA), que está diariamente no local, em sua base, fazer a identificação das plantas medicinais, das árvores nativas ou exóticas. E ainda identificar as que são nativas do Cerrado ou Amazônia.
- ✓ Etiquetar, isto é, colocar uma placa identificando o nome da árvore, seu uso e área de ocorrência geográfica.

O aluno que se empenhar na realização dessas atividades criará laços de afeto com o parque, o qual passará também para sua família e amigos, que passarão a ver o parque com outros olhos e sempre terão cuidados com sua preservação, manutenção e melhorias.

Uma proposta pedagógica para a população frequentadora seria:

- ✓ Exigir das autoridades competentes algumas melhorias, como uma academia ao ar livre.
- ✓ Aproveitar o amplo espaço que há no local para promover teatros, danças, exercícios laborais e outros eventos culturais, podendo fazer-se parcerias com empresas ou entidades.